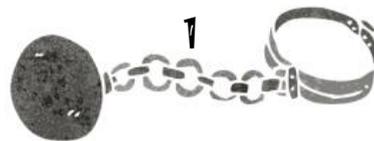


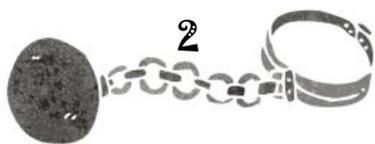


Arzur



O Reino Negro







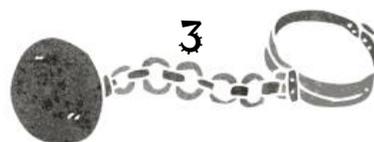
Arzur

O Reino Negro

Conto

2020. Edição 1

Josy Souza



Arte da capa © por Josy Souza.

Copyright © 2020 de Josy Souza

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do livro.

Primeira edição, 2020

ISBN 978-65-00-09243-1

Livro Físico

<https://www.facebook.com/JosySouzaautora/>



Sumário



Capítulo I	7.
Capítulo II	17.
Capítulo III	26.
Capítulo IV	37.
Capítulo V	45.
Capítulo VI	51.
Capítulo VII	66.
Capítulo VIII	71.
Capítulo IX	79.
Capítulo X	87.



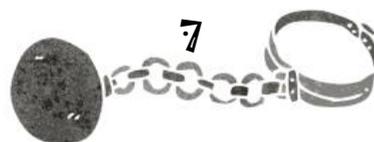




Capítulo I

Olhava insistentemente a pedra negra com raios violetas dentro. Chegou em minhas mãos na noite anterior, através de um desconhecido encapuzado. Ele me entregou o embrulho e disse que o dono da pedra me encontraria onde o sol mudava seu curso, às cinco da tarde. Havia um lugar em meio aos mercadores que o sol mudava de posição devido a sua estrutura de pedra. O encapuzado ainda me avisou que fosse pontual, pois, o dono era rigoroso e não admitia atrasos. Me orientou ficar parada em frente ao monumento dos seus deuses, então ele saberia que eu seria a pessoa que guardava seu artefato.

Agora admirava a pedra com tamanho proporcional a palma da minha mão. Estava depositada sobre um móvel de madeira e a luz da manhã estalava sobre ela e milhares de feixes de luz violeta emanavam dela. Mil perguntas golpeavam

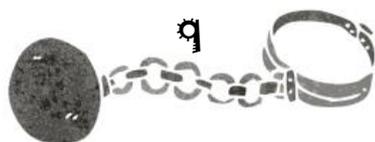


minha cabeça, pensando no motivo, porque alguém iria querer essa pedra. Tinham me pagado muito bem para levá-la ao seu dono. Provavelmente quem a tinha comprado. Eu não pertencia a essa região, mas à Roma. Porque pagariam tamanha fortuna para alguém que não fosse do mesmo território lhe entregasse o objeto? Provavelmente quisessem alguém que não poderiam rastrear ou conhecer. Eu era uma cele. Plebeus que faziam serviços para os senhores maiores em troca de dinheiro, dentre outras coisas. Meu objetivo era ganhar dinheiro e não mendigar. Aprendi a lutar e a me defender. Meu pai morrera cedo, deixando minha mãe viúva e a mim, única filha. Fomos abandonadas e escorraçadas pela sociedade preconceituosa e nojenta. Passamos fome e frio e nunca houve uma mão que nos acolhesse. Perdemos nossa casa e ficamos na rua, mendigando. Ela ficou doente e morreu três anos depois do meu pai, me deixando a mercê da vida. Conheci um homem que me ofereceu comida e um teto em troca de prazer sexual. Não preciso contar o resto, me tornei sua meretriz. Mas ele também me ensinou a lutar e a me defender. Era uma amante de facas e aprendi a maneja-las. E um dia, quando o homem me



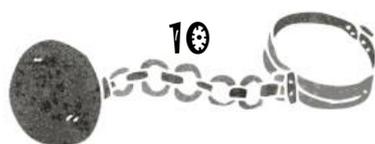
visitou cortei-lhe a garganta. Fiquei olhando até a vida deixar seus olhos e a poça de sangue chegar aos meus pés. Deixei o corpo lá. Ninguém me acusaria, não me conheciam naquela pensão. Sempre tomara o cuidado de cobrir o rosto pálido e meu cabelo ruivo que chamava tanto a atenção, naquela terra onde as mulheres basicamente tinham a pele bronzeada e o cabelo escuro.

Viajei dias até chegar a região dos celtas, se não fosse pela recompensa de tão grande valor, não teria vindo. A região era conhecida por pertencer a pessoas bárbaras. Seu rei era conhecido por infligir de todo o tipo de crueldades. Eram famosos pela sua arte de guerra e brutalidade. Povos bárbaros, caçadores natos. Conheciam essa região pelo nome de *Reino Negro*, seu líder era chamado Arzur Nevsky. Quem caía em suas mãos, tinha uma morte lenta e agonizante, já ouvira histórias sobre seus métodos. Eu deveria entregar a mercadoria ao dono e abandonar rapidamente a região. Estava tudo preparado. Já tinha pagado a estalagem e uma carruagem, aguardava o meu retorno do mercado para partir. Minhas malas estavam prontas. Alisei a saia do meu vestido azul de manga comprida e que



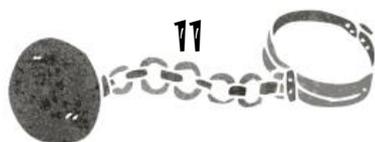
cobria até o tornozelo, prendi uma faca e um punhal ali. Ajeitei o cinto de couro à cintura e penteei meus cabelos cor de cobre como de costume, deixando-os soltos e sem adornos. Não queria chamar mais atenção que o necessário. Guardei o artefato numa bolsa de couro e escondi sobre minha capa com capuz e bolsos internos, forjados para esse tipo de trabalho. Estava pronta. Não poderia me atrasar. Só entregar a mercadoria, o pagamento já tinha sido feito. Ou o homem era um louco, ou temia muito o dono da pedra, pois, eu poderia nunca a entregar a encomenda e sumir com ela para outras regiões. Eu sabia que aquele caso envolvia algo grande, só pelo brilho da coisa, agora dentro da minha capa. Mas também temia que, de algum jeito pudessem me encontrar e me punissem. Eu não queria bárbaros no meu encalço.

Saí da estalagem, estava na hora de cumprir com o trato. Adentrei vielas e becos, me esgueirando entre a multidão. Mercadorias eram oferecidas a mim, olhares curiosos às vezes me detinham. Com certeza estava óbvio que eu não era da região. Na praça haviam pessoas sendo chicotadas e sofrendo torturas e os outros apenas observavam, outros riam.



Até mesmo as crianças jogavam pedras sobre os que estavam na forca. Eram guerreiros sedentos por sangue e crueldade. Eu havia matado um homem, porque este me tirara a inocência de modo brutal e desumano. Guardei toda a fúria do momento para um dia me vingar. Conquistei sua afeição, fingindo aceitar e dia após dia tramei um jeito para fazê-lo pagar e consegui. Ele era casado e eu soube que também batia na sua mulher. Eu tinha a idade de treze anos quando aconteceu e por mais quatro anos sofri nas suas mãos.

Estava mais perto agora do local da entrega. Olhei ao redor e vi que estava sendo perseguida. Nunca tinha sido em algum outro serviço. Me embrenhei na multidão tentando confundir meus perseguidores. Tinha certeza que eles não eram os donos da pedra que estava comigo. Olhei furtivamente para trás e vi pelo menos quatro homens andando apressadamente atrás de mim. Não tive escolha se não correr, correr muito tentando confundir os meus caçadores. Eu já tinha minhas pernas bambas, a respiração ofegante. Meus pulmões ardiam e eu tentava me impulsionar mais e mais. Eu não iria ser pega, não iria. Avancei sobre uma



barraca contendo frutas, e juntando a força que ainda me restava empurrei o pé da armação de madeira , que se desfez, deixando um rastro de frutas pelo caminho. As pessoas que estavam na feira se espalharam e fizeram um tumulto tentando pegar o quanto pudessem, interceptando os homens atrás de mim. Me dando pelo menos mais tempo para me afastar deles. Parei um pouco, cambaleante, já avistando o local onde deveria encontrar o dono da mercadoria. As duas estátuas estavam erguidas uma de um homem : Lugh. E uma mulher: Morrigan.

Lugh é um deus Celta, representado em muitas Lendas Irlandesas como sendo o triunfo da Luz sobre a Escuridão. Ele é o Guardião legítimo da Lança Mágica de Glórias e era particularmente associado ao uso da funda -Arma feita de pele de animal com a qual se lançam pedras -, com a qual matou o seu terrível adversário, Balor.

Lugh é um deus que está presente em todos os Panteões Celtas.. Em Gaulês antigo tinha o nome de Lugos, e ao longo do resto da Ilha Britânica, é conhecido como Lug. As Histórias e mitos sobre ele diferem em cada região onde é reverenciado de inúmeras formas e através de diferentes ritos.



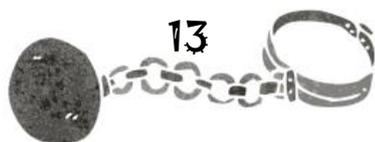
Principalmente conhecido como deus do Sol, Lugh também é um deus Guerreiro, da Medicina, Druida, Bardo, Ferreiro, Cervejeiro, entre outras coisas.

As suas funções identificam-no como um Deus da Guerra e das Artes Mágicas, mas os poetas e todos os artistas também são por ele beneficiados, juntamente com os guerreiros e os magos. As suas armas sagradas em todas as tradições são a funda e a lança. No folclore Irlandês ele é o Pai do grande Herói Cuchulain.

Lugh¹ é um deus do céu e está fortemente ligado com o fogo, com o sol e com o tempo. Em várias representações suas, Ele aparece com um Torc - peça de joalheria Celta -, e uma lança brilhante, que por vezes aparece como sendo um raio.

Ele é o Deus de todas as habilidades, artes e da excelência em todo o empenho imaginável. Ele é visto como o Protetor e Guia do seu Povo. Animais que lhe são especialmente sagrados são, as águias e os corvos que mantêm vigia sobre tudo aquilo que acontece na Terra. A sua Árvore Sagrada é o Freixo.

¹ <https://sites.google.com/site/tuathapoa/quem-foi-lugh>



Morrigan² é a patrona das sacerdotisas e das bruxas.

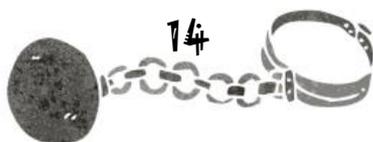
É também a deusa celta da guerra e seu nome significa “Grande Rainha”.

Morrigan ou Morrighu, Macha e Badb formam a triplicidade conhecida como as "MORRIGHANS", as FÚRIAS da guerra na mitologia irlandesa.

Morrigan, como todas as deidades celtas está associada às forças da Natureza, ao poder sagrado da terra, o Grande Útero de onde toda a vida nasce e depois deve morrer para que a fecundidade e a criação da terra possam renovar-se.

A mulher extremamente alta, cabelos longos até a cintura que serviam como uma espécie de "capa" sobre os ombros, olhos penetrantes tão negros como a noite, pele branca quase translúcida e corpo de músculos bem delineados que não deixavam de revelar encantos femininos sem par e fazer qualquer um pensar nos prazeres carnavais que ela poderia oferecer.

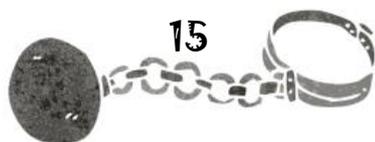
² <http://cantinodosdeuses.blogspot.com/2012/02/deusa-morrigan-ou-morrighu.html?m=1>



Agora não se deixem enganar por sua bela aparência, pois detrás delas há uma guerreira implacável, caçadora das mais hábeis, mestra no manuseio de qualquer arma e invencível no combate por sua força descomunal e invulnerabilidade.

Morrigan é também a Deusa da Morte, do Amor e da Guerra, que pode assumir a forma de um corvo. Nas lendas irlandesas, Morrigan é a deidade invocada antes das batalhas, como a Deusa do Destino humano. Dizia-se que quando os soldados celtas a escutavam ou a viam sobrevoando o campo de batalha, sabiam que havia chegado o momento de transcender. Então, davam o melhor de si, realizando todo o tipo de ato heroico, pois depreciavam a própria morte. Para os celtas, a morte não era um fim, mas um recomeço em um Outro Mundo, o início de um novo ciclo.

Aliás, em qualquer batalha, seja entre deuses ou mortais, lá estava ela liderando tropas com um grito de guerra tão alto quanto o de dez mil homens e plenamente armada até os dentes onde se destacava em sua indumentária de combate as duas lanças da mais pura prata que carregava nas mãos - quando lançadas capazes de partir ao meio o avanço de um



exército inimigo e destroçar em pedaços quem estivesse mais próximo. –

